

# AZUL

ANNO I.<sup>o</sup>

Pela Arte

TOMO I.<sup>o</sup>

*Director: Thiago Peixoto.*

Curityba, 19 de Agosto de 1900



## Domingos Nascimento,

Para os grandes intellectuaes como para os deoses, só ha uma phrase capaz de apontar-lhes a visão immortal: — *Ecce homo!*

Eis-o, pois, nessa figura illuminada que hoje resplendora a fachada do *Azul*, como uma estatua real, n'um torreão medievo.

Primoroso cantor, elle tem deixado nababescamente, esparsos de Norte a Sul, os seos versos que por ali ficaram na ardentina oceanica da imprensa.

Versos suggestivos e consoladores, amados versos immortaes, sois a gloria das letras paranaenses; — artista magnifico, asceta do *Stellario* e da *Mystica*; do teo perfil de estheta, evola-se o aura deslumbrante dos eleitos.

\*

Dous livros, — *Revoadas* — e — *Threnos e Arruidos*, — dataram a en-

trada triumphal de Domingos Nascimento no Areopago Artístico Brasileiro. E quando elle surgiu, sob as arcadas d'ouro, estranhas visões saudaram-n'o, magnificas!...

Como Walter Scott, Domingos Nascimento traçou a sua linha de Arte sem a parte iniciatica onde tantos e tão grandes artistas deixaram o lado obscuro e titubeante da sua Obra.

*Revoadas*, como *Waverley*, tem o cunho gigante, caracteristico dos grandes artistas.

Balzac diz-nos que „o talento litterario é um movel de polimento coberto de pó, que se deve espanar para que surja com todo o seu esplendor“. E Pinheiro Chagas acrescenta que „Balzac, só a sua conta, impingiu ao publico quarenta volumes de lixo antes que lhe desse a *Comedia Humana*.“

E', pois, altamente significativo, que Domingos Nascimento se tenha revellado um grande intellectual desde a Hora em que afinou-se-lhe a percepção musical e se lhe encandecêo a pujante cerebração artística.

Nos *Contos da Caserna* não sei se porque Domingos Nascimento falle da Patria, que o achamos mais fino, mais subtil, mais artista e até mesmo mais nobre que de Amicis, e a sua Arte tem, para nós, coloração de incendios, estuar de bandeiras desfraldadas, ennovellamentos ardentes de polvora, sons imperiosos de clarins, conclamando!...

O *Relicario* tem a sua parte lyrica e symbolica: — os versos lyrics, — o conto symbolistico.

Publicado com o rigor que lhe pretende dar Domingos Nascimento, este bellissimo livro de Arte Nova conquistará para o magnifico Poeta da *Rosa Mystica*, o mais distinto e extraordinario renome, e firmal-o-ha de vez e para sempre,— assignalando a sua epocha,— na consagração artística do Paiz.

E' que *Relicario* foi sentido pelo mais impressionavel Coração que conhecemos, e lavorado n'uma ardente cerebração artística, qual a do brilhante intellectual Paranaense.

Este glorioso livro de versos teve, a par da sua historia de amor, um outro episodio que nol-o ia roubando ao Coração e ao Espírito:

Por um longo dia de *spleen*, de atrozes pulsações cardiacas, Domingos após repellir-lhe os versos immortaes, — queimou-o!

Frio, com um habil desembarço de velho bandido, recolheo-lhe as paginas cremadas, collocou-as n'um pequenino caixão de cedro, fechou-o com as sete chaves do seo ciume Othelico, e deixou que o Tempo completasse a obra devastadora do Fogo ...

E o tempo veio e passou sem polluir as folhas immortaes, e sem cumprir a sua sinistra missão.

Um dia, de novo o Poeta voltou-se para a sua Obra ... e das paginas carbonisadas do *Relicario* surgiram, em rubros caracteres, os seos versos amados, rutilos estampando-se no carbono que se desfazia! ...

\*

Cremos que do estranho facto veio-lhe o nome ao livro.

## Canção de um lyrio

Eu sou da terra dos lyrios bravos  
 Que pendem a haste por sobre o mar ...  
 Por entre lyrios vermelham cravos ...  
 Branco e vermelho ... fico a scismar !  
 Fico a scismar nos lyrios e nos cravos  
 Que pendem a haste por sobre o mar.

A minha dama é alva de neve,  
 De labios rubros, botão de flor,  
 A minha dama que olhos já teve !  
 Hoje nem posso dizer-lhe a cor ...  
 Fico a scismar nos olhos que já teve,  
 De labios rubros, botão de flor.

Eu sou da terra dos brancos lyrios,  
 Dos lindos mares bravos, chorosos.  
 No céo trevoso crepitam cyrios,  
 E os ventos gemem tristes, saudosos ...  
 Fico a scismar que velam tantos cyrios  
 Os lindos mares bravos, chorosos !

A Dôr Eterna seja contigo,  
 Coração fiel — mar tormentoso !  
 Meu companheiro, meu velho amigo !  
 Quando te sinto vago e inditoso,  
 Fico a scismar em ti, meu velho amigo,  
 Coração fiel — Mar Tormentoso !

Eu sou da terra dos lyriaes ...  
 ... Branca de neve ... seios de amóra ...  
 Que lindo rastro nos areiaes !  
 A noite foge, resplende a aurora ...  
 Fico a scismar por sobre os areiaes :  
 — Branca de neve ... seios de amóra ...

O mar soluça beijando a praia.  
 Não mais te beijo, botão de flor !  
 A onda geme, a onda desmaia ...  
 — Gemo a tortura do meu amor !  
 Fico a scismar si aquella flôr desmaia :  
 — Não mais te beijo, botão de flor !

Domingos Mancimenta.

# FLOR HEROICA

• • • a Domingos Hascimenta

**Q**uando Mary nasceu, Ermoselim teceu-lhe de sorrisos uma alva coroa resplandescente.

Voaram os tempos, floriram vinte abris. Mary cresceu, cresceu Ermoselim.

Um dia, em que o sol apparecerá mais doirado, as nuvens mais brancas, o céo mais azul; um dia, os dois corações palpitaram de amor.

Mas á tarde, quando Vesper surgio, o céo tinha já uma estranha coloração roixa, de saudade...

Quando Mary morreu,—Ermoselim teceo-lhe uma suave coroa de bizarras flores desconhecidas. Colheo-as elle proprio no jardim da sua existencia em flor, e elle proprio as engrinaldara e as fora depositar no tumulo que fechara a sua felicidade.

Nova revoada de annos passou, passaram-se os invernos, frios e enervantes; subio o sol, cahio a neve; —veio o outono e cahiram as folhas; —veio o verão e o sol rugio em

fogo;—iam e vinham as estações transmudando-se...—e a coroa que Ermoselim depositara no tumulo sagrado da divina Esposa lá estava, a mesma! dias e annos! como se as suas brilhantes flores amarellas se tivessem aberto pela madruga da e pelo orvalho daquelle mesmo dia!...

Em breve o Pezar, velho herbolario d'almas, notificou o facto estranho e todos iam ao tumulo de Mary observar curiosos a flor amarella que não morria, symbolo do extraordinario amor de Ermoselim de Lara.

E as noivas do logar conduziam, para cuidadas estufas sentimentaes, o pollen germinador d'aquella flor heroica, flor estranha, symbolo do desespero, da saudade e do amor.

E em cada jardim, surgio logo a flor doirada do tumulo de Mary.

E foi assim que as *Sempre-vivas* nasceram...

• Romario Martins.

# PELO AMOR

**E**ra um forte! Partio para a Guerra  
Convencido da Glória e dos Louros!  
Tudo isto aspirou sobre a Terra...  
Oh! Mágicos Thesouros!

Sua Dama sorriu, foi estoica!  
A Esperança brilhava em seu seio!  
Um sorriso tornava-lhe heroica!  
Não havia receio!

De Luares, de Sonhos, de Flores,  
Era feito o Sorriso da Dama.  
Elle passou, por entre esplendores,  
Agitando uma flamma.

*A Leancio Correia*

Combateo! Combateo como um forte!  
Com a vida elle a corpo luctou;  
Corpo a corpo luctou com a Morte...  
Mas afinal tombou!

No Azul scintillava o Cruzeiro!  
Bem depois de perder-se a esperança,  
Estendido, encontrou-se o Guerreiro  
Ao lado da sua lança!

Mas a Dama por quem soffreu tanto,  
Noites todas, inteiros os dias,  
Não lhe atira a migalha de um pranto...  
E vive entre Harmonias!

*Paraná 1900.*

*Leite Júnior.*



## Dias de Sol

**Q**uem pôde as horas esquecer, os dias  
De um doce tempo de illusões repleto,  
Em que vivemos a beijar Marias,  
Jurando ás Lucias um eterno affecto?

De um doce tempo de illusões repleto,  
Em que passamos a abraçar Helenas,  
Jurando ás Lucias um eterno affecto,  
Quem pôde as luctas esquecer, as scenas?

Si ja passamos a abraçar Helenas,  
Como esses sonhos recordar, sem pranto?  
Quem pôde as luctas esquecer, as scenas?  
Dessas conquistas, que custaram tanto?

Ah! como os sonhos recordar, sem pranto,  
Dos idos tempos, que não voltam mais?  
Essas conquistas, que custaram tanto,  
Em recordar o coração se apraz!

Os idos tempos, que não voltam mais,  
— Livres do Spleen, das provações da Magoa —  
Em recordar, o coração se apraz,  
Embora os olhos se nos enchem de ago...

Quem pode as horas esquecer, os dias  
De um doce tempo de illusões repleto  
Em que vivemos a beijar Marias,  
Jurando ás Lucias um eterno affecto?

*Alfredo Coelho.*

# AURORA DO SONHO

■ Leocadio Correia

**V**iolando o silencio desolante e vago do crepusculo nostalgyco da tarde ensombrada da ultima Esperança, cabellos bailando em triste desalinhamento e sem cõr, tunica violacea docemente desmaiada, partio um dia a Noiva Branca, Alma sagrada do meu Ideal, para o Oriente rutilo do Sonho, para o Nascente orvalhado da Pureza e da Ventura.

As dhalias nevirosadas, adormecidas no profundo silencio da noite outonal, cobertas pelas lagrimas argenteas e timidas das Onze-Mil-Virgens do Luar, sonhavam, no mysterio do Somno, com apotheoses triumphaes de Brilhos e de Estrellas; com espanejamentos mornos de auras matinaes e aromas trescalantes de nardos e de rosas; com beijos humidos de auroras escarlatisadas em oiro e reflexos de luz estranha a diluir-se no occidente retinecto de magoas.

E a Lua, pelos lyriaes opalisados e fragrantes da Ventura quintessenciada, olhos abertos numa resplandescencia aprimorada de luz macia de bondade, resurgia, numa liquefacção luminoza de prata e oiro, alagando de claridade brunida de reflexos de flammes crystalisadas toda a estrada dolorosamente triste por onde passava a Noiva Branca, emmagrecida e seraphica. Na Pyscina nevada da Descrença, os fios, rendilhados em brilhos, da Lua vestida de illuminuras, boiavam na dormencia santicada da Nostalgia Suprema; e, pelas ramagens esbranquiçadas de luz das inurtas emmudecidas, as gôtas silenciosas da Saudade tremiam candidamente numa promiscuidade de cores claras de astros phosphorescentes.

Sahara ! De subito um Dezerto intermino rutila no desolamento nu-blado das Cousas Mortas e toda a estrada pulverisa-se dum a areia rebrilhante e aspera como um brazeiro vivo, e a Noiva Branca sente os pés escaldarem-se barbaramente nos crystaes disseminados em pós graniticos de fogo. E em conchas luminosas, nadando num fluido de reflexos metalicos, a Dúvida estende o manto negro das primeiras exhaustações da jornada dolorosa, e toda a areia do Dezerto risrido, treme, extertora, e bafeja-se de espiraes das resinas aromaticas da Nova Crença, e de novo o manto lugubre vaseilla e cae na nevoa de fogo do Sahara maldito ! E para nova Palestina corre a Noiva Branca por trilhos de açucenas desfolhadas, cabellos enluarados bailando preguiçosamente ao hombro ! . . .

Quando a Lua, numa irradiação triumphal de essencias espiritualisadas, entre lyrios brancos e dhalias mortas, lançava o ultimo sorriso ao Oriente em purpura, via-se surgir a Noiva Branca na apotheose nitida das nevias transcedentaeas, sob a renda tenuissima amplamente estendida pelas timbrias ruborisadas do Horizonte da Alegria resplendorada, num deslumbramento irradiante de labaredas de sol e auriflammes fluidisadas, como se viesse numa ecclosão nervosa de lyrios vermelhos de Lycia, cabellos rutilando como fios de oiro ao sol, rosto coberto por um véu de prata e oiro a derreter-se, quasi immaterial, numa phosphorescencia magica de tintas e de cores, formando filigrannas delicadissimas docemente polvilhadas de azul etherificado.

Generoso Borges.

# PEREGRINO

Ad. Thiago Peixoto

*Numa grande planície, arida e deserta,  
um peregrino em andrajos:*

Ai! que canção me domina!  
Como é longa esta estrada!  
Fica tão longe essa collina...  
Como minh' alma está cansada!

Na extrema do horizonte  
Uma estrella scintilla:  
E o peregrino vai de monte em monte.  
De villa em villa..

*Uma alma de asceta de sua palhoça:*

Vem, eu te acolho, peregrino:  
(Que estranho brilho no seu olhar!)  
Dize-m'o: já foste menino?  
Não vês? teus pés vão à sangrar!

— Muito alem encontrei uma alameda  
Cheia de risos, de luar!...

— Perdida, perdida essa vereda...  
Olha! teus pés vão a sangrar!

— Havia risos e haviam flores...  
E no céo estranhos lumes!

— Como estás á sonhar! Os sonhadores  
Sempre sonham com luzes e perfumes!

— Sonhar?... Não sei!... Longe!... Perdi-A....  
(E a Lembrança e a Mágica, de mãos dadas,  
Choram por Ella... Que triste dia!...)  
Escuro! Luzes apagadas!

Esquece a noite, a aurora lêda  
Surge, affugentá essa visão.

Quero de novo essa alameda  
Onde eu deixei meu coração!

Ali eu vi tal claridade  
Que en me julguei um Deus na criação!

— Oh! pobre peregrino da saudade  
(Que impiedade esta minha!) éra illusão!



# LYRIO

Alva flor de corolla assetinada  
 Que entre as outras parece mais feliz,  
 Lembrando-nos na forma aprimorada  
 O garbo das princezas juvenis ;

Nem a viva tulipa matizada  
 Nem do Japão as rosas tão gentis,  
 Mereceram a corte apaixonada  
 Da nivea e sobranceira flor de liz !

Que não encerra embriagante essencia  
 E nem curva-se languida na haste  
 Porque é o symbolo puro da innocencia...

Si algum candido lyrio um dia amaste  
 Vendo que breve foi sua existencia  
 Não censureis á sorte esse contraste ! . . .

Julho de 1900.

*Maia da Gama.*

**C**ompleta hoje o "Azul" o seu primeiro semestre, fechando com o presente numero o Iº Tomo.

**E**squecemo-nos de declarar que o bello trabalho "Arte de Amanhan" traduzido pelo brilhante litterato Dario Vellozo, foi por nós transladado da „Esphinge".

**A**lfredo Coelho, delicado espirito artistico, nos honrou com essa encantadora poesia modelada no fausto do parnasianismo.

**E**finamente perfuma a nossa revista a mystica „Flor heroica". E' de Romario Martins o nobre levita do Ideal que já é um victorioso na cathedral do azul.

**I**smael Martins, um dos cavalleiros que seguem para a Jerusalém do Sonho, nos enviou esses delicados versos que lá adiante resplandecem galhardamente em a nossa folha.

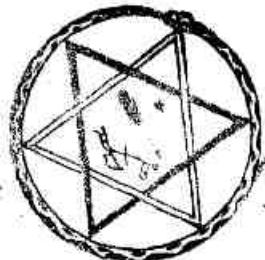
**A**lista-se hoje entre os romeiros do „Azul," o suave poeta Leite Junior, um dos bellos espiritos da geração que surge.

**D**o proximo numero tributaremos a nossa homenagem ao mais extraordinario artista portuguez — Eça de Queiroz, finado agora em Pariz.

**Pallium**, a brillante revista de Arte, cuja divisa é "Pelo Sonho", reapareceu nesta capital, sob a sadia direcção dos illustres escriptores Silveira Netto e J. Pernetta.

Parabens ás letras...

**D**e Maia da Gama, nosso distinto assigante de Pirahy, recebemos o soneto "Lyrio", que hoje publicamos.



## **I N D I C E**

### **Autores**

Redacção  
Cruz e Souza  
Thiago Peixoto  
Santa Rita Junior  
Adolpho Werneck  
Evaristo Pernetta  
Euclides Bandeira  
Alfredo Sarandy  
Nicolau dos Santos  
Aristides França  
Carlos Raposo  
Pereira da Silva  
Dr. J. de Santa Rita  
Ricardo de Lemos  
Generoso Borges  
Dario Velloso  
Nestor de Castro  
Julio Pernetta  
Antonio Nobre  
Henrique Netto  
Emilio de Menezes  
Nestor Victor  
Adolpho Araujo  
João Barreira  
Silveira Netto  
Hypolito Pereira  
Leoncio Correia  
Domingos Nascimento  
Romario Martins  
Leite Junior  
Alfredo Coelho  
Ismael Martins  
Maia da Gama

### **Paginas**

1, 16, 24, 32, 40, 50, 57, 64,  
72, 74, 81, 88, 89, 96, 97, 104.  
2.  
2, 9, 21, 31, 40, 46, 55, 69, 87.  
3, 12, 20 27, 35, 42, 60, 67,  
78, 84, 92.  
4, 11, 22, 27, 39, 44, 60, 71,  
79, 95.  
5, 15, 29, 53.  
5, 10, 30, 36, 44, 53.  
6, 18.  
6, 14, 23, 37, 47, 62, 70, 79, 95.  
7, 23, 32.  
7, 14, 15, 38-  
13, 34, 47.  
17.  
19, 26, 87.  
19, 29, 37, 43, 52, 62, 66, 75,  
86, 95, 102.  
25, 48, 49, 56, 64, 72, 80, 88, 96.  
33, 65, 73.  
34.  
41.  
51.  
58.  
59, 83.  
63.  
76.  
84, 91.  
85.  
94.  
99.  
100  
101  
101  
103  
104



Typographia „Der Beobachter“

Travessa da Proclamação Nr. 5

Curytiba — Paraná